

HAPPY ENDINGS: COMO UM SÓ CONTO PODE DAR EM MUITOS CAMINHOS

Larissa Loureiro Pereira¹
Sílvia Maria Guerra Anastácio
Universidade Federal da Bahia

1. INTRODUÇÃO

Margaret Atwood, nascida em Ottawa, no Canadá, em 1939, é crítica literária, ensaísta e escritora de romances, poemas e contos. Durante a sua carreira, foi reconhecida com 19 títulos honorários e mais de 90 prêmios, em seu país e internacionalmente, incluindo a Ordem do Canadá.

O processo de tradução para a língua portuguesa do conto de Margaret Atwood, *Happy Endings* (1983), alvo deste artigo e objeto de estudo do Projeto PRO.SOM² da UFBA, faz parte da coletânea *Murder in the Dark*. Oito contos dessa coletânea foram traduzidos pelo Projeto PRO.SOM e, posteriormente, adaptados em audiolivro numa parceria com a Escola de Teatro da UFBA.

Os trabalhos do Projeto PRO.SOM seguiram uma abordagem funcionalista e sistêmica. Para a tradução de *Happy Endings*, foi de grande relevância a Teoria da Funcionalidade (1984) de Hans J. Vermeer, e a metodologia de estudo da Crítica Genética, aplicada ao estudo do referido processo de tradução. Além disso, sendo a questão da inclusão social uma das grandes preocupações do Projeto PRO.SOM, a tradução de *Happy Endings* propõe uma versão para o software MECDAISY³, voltada para portadores de deficiência visual.

2. HAPPY ENDINGS

Neste conto, a autora foge do formato tradicional de uma história que tem início, meio e fim, apresentando uma estrutura narrativa inusitada, que convida o leitor a ser um coautor. Atwood dispõe esta história sobre relacionamentos humanos em seis minicontos e, aparentemente, dá ao leitor uma escolha quando sugere, ao fim da introdução do conto: “se você quer um final feliz, tente a opção A.” (ATWOOD, 1983, p.63, tradução nossa)⁴. Ao final desta primeira opção, seguem cinco narrativas cheias

de conflitos e desilusões, mas Atwood revela que terminam como em A, ou seja, que “os finais são os mesmos (...)” (ATWOOD, 1983, p.69, tradução nossa)⁵.

Em seu livro *Negotiating with the dead: A writer on writing* (2002), Margaret Atwood se posiciona a respeito da escritura, do seguinte modo:

Conselho para o peregrino inocente, digno o suficiente, sem dúvida, mas sem dúvida inútil: perigos se multiplicam a cada hora, você nunca entra no mesmo rio duas vezes, os vastos espaços vazios da página em branco intimidam, e todo mundo entra no labirinto de olhos vendados. (ATWOOD, 2002, p. 18, tradução nossa)⁶.

Estas mesmas palavras também poderiam se aplicar à atividade empreendida pelo receptor na sua jornada de leitura, considerando que o leitor entra em uma espécie de labirinto, ao penetrar em uma história com várias possibilidades de escolhas, como aquela que é alvo da presente análise. Assim, o leitor, que se propõe à tarefa de coautor de Atwood, pode perceber que mesmo ao ter certa liberdade de movimento dentro de um texto, não estará livre de armadilhas e surpresas, ao longo de um caminho cheio de bifurcações, como em *Happy Endings*. De forma que, autora e leitores se encontrarão nas páginas do conto para construí-lo, cada um à sua maneira; sendo que cada receptor ou, talvez, o mesmo receptor em momentos diferentes, dará ao conto interpretações diversas ou fará construções também diversas.

3. O PROCESSO DE LEITURA

Happy Endings é apresentado através de minicontos, que apontam para, no mínimo, três possibilidades de leitura. Estas são: o leitor pode parar ao fim do primeiro miniconto (opção ‘A’); o leitor pode interromper a leitura em alguma outra opção; o leitor pode fazer a leitura completa do conto (ler todos os seis minicontos). Com esta liberdade de escolha, e assim de movimentos no texto, o leitor sofre uma quebra de expectativa, caso espere um enredo com uma estrutura rígida de início, meio e fim.

A opção ‘A’ traz o final feliz para os personagens Mary e John. As opções ‘B’, ‘C’ e ‘D’ apresentam os personagens Madge, James e Fred sob perspectivas diferentes. As opções ‘E’ e ‘F’, mais uma vez, quebram a expectativa do leitor: a opção ‘E’ não é um miniconto independente, mas sim uma continuação das opções ‘D’ e ‘A’, onde ‘D’ é o início, ‘E’ o meio e ‘A’ o fim; a opção ‘F’ traz uma remodelagem do ambiente e dos personagens apresentados ao longo do conto.

Assim, a estrutura do conto, construída a partir de escolhas do leitor, torna *Happy Endings* um dos contos mais incomuns da autora. Atwood oferece uma tentação irresistível ao leitor que se interessa mais pelo meio, do que pelo início ou o fim de uma história. A este leitor, parece que o que mais importa é como os fatos narrados aconteceram, porque tiveram que acontecer de uma determinada maneira e como o decorrer dos fatos justifica as ações dos personagens. É essa construção do enredo e dos personagens que interessa em uma história com vários caminhos ou várias opções para o leitor trilhar.

Ao fim do conto, a autora nos possibilita perceber uma sutil conexão entre sua narrativa e a arte de viver. Atwood declara que o único fim verdadeiro é que os personagens morrem e que um enredo seria uma série de "quês". A autora sugere que o leitor "tente Como e Porquê" (ATWOOD, 1983, p.70, tradução nossa), indicando assim que o que importa em uma história é mais do que a descrição mecânica de uma série de fatos; assim como a vida é um emaranhado de emoções, de situações complexas e imprevisíveis, mesmo que o final seja o mesmo.

Os personagens apresentados nos minicontos de *Happy Endings* podem ser vistos como estereótipos da sociedade contemporânea, já que não possuem maior aprofundamento psicológico e têm conduta de um sujeito comum, capaz de atitudes mesquinhas e apaixonadas. Os nomes dos personagens centrais, John e Mary, também são bastante comuns e suas histórias poderiam ter acontecido em momentos e lugares diferentes, como ilustrados pela autora ao fim do último miniconto.

Essa construção, baseada em personagens com uma construção de perfil psicológico sem grande complexidade, corresponde ao que chamamos em inglês de personagem *flat*, ou horizontal; é aquele personagem que não muda, não evolui, ao longo da narrativa. Quanto à estrutura do conto, já vimos que permite certa gama de movimentos ao leitor coautor, o que configura uma obra com uma estética inacabada; o leitor gera sentidos e molda o texto de acordo com as suas escolhas de leitura.

4. A ESTÉTICA DE *HAPPY ENDINGS*

Margaret Atwood traz em *Happy Endings* uma narrativa fragmentada. Essa descontinuidade de tempo e espaço insere o leitor coautor em um contexto estético de inacabamento. O leitor coautor é aquele que dispõe os corredores do labirinto ao mesmo tempo em que os percorre.

Maria Francisca Mendes, citando a discussão de Carlos Alberto Faraco sobre autor e autoria, enfatiza “a posição do autor-criador, [como] aquele constituinte que dá forma ao objeto estético, o pivô que sustenta a unidade do todo esteticamente consumado.” (MENDES, 2007).

A estética de uma obra provoca o receptor de alguma maneira. Em *Happy Endings*, o leitor é provocado continuamente a preencher espaços com ideias e sensações próprias. Susana Alves (2010) propõe que a *obra aberta* desperta no leitor a necessidade de questionar e compreender um texto através de processos criativos. Alves define *abertura* como algo inerente à fruição estética. A teórica resgata as ideias de Umberto Eco (1993, *apud* ALVES, 2010, s.p.), sobre *obra aberta*, em que uma leitura pode ser feita de maneiras diversas.

Quanto à estética tradutória desse conto, pode-se observar que os tradutores buscaram manter a fluidez de uma obra tão fragmentada durante todo o processo de recriação da obra para a cultura de chegada. Aproximando o texto de chegada da oralidade, os tradutores também buscaram uma leitura que aproximasse o conto de um registro mais informal, mais próximo do diálogo que, assim, desse maior liberdade de movimento e fruição ao leitor coautor de *Happy Endings*.

5. O PROCESSO DE TRADUÇÃO DE *HAPPY ENDINGS*

O grupo de pesquisa PRO.SOM privilegiou a linha teórica da Funcionalidade (*Skopostheorie*) de Vermeer ao traduzir o texto de Margaret Atwood, *Happy Endings*. Este autor (1984) preocupou-se em estudar a finalidade do texto traduzido e a sua relação com a cultura de chegada. O termo *Skopos* (alvo em grego) é aplicado em seus estudos de tradução como finalidade, função e escopo. É o escopo da tradução que determina o registro do texto de chegada; cabe ao tradutor decidir qual escopo, ou seja, qual função o texto de partida ocupa na sua ação tradutória.

No caso do grupo de pesquisa, alvo de estudo deste artigo, a funcionalidade do texto de chegada se voltou para a questão da oralidade, considerando a publicação no suporte audiolivro. Os pesquisadores nortearam a tradução desse conto na eficiência da comunicação oral no texto de chegada, libertando-se de teorias tradicionais de tradução que visam fidelidade ao texto de partida. Fábio Alves da Silva (1996) em sua obra *A Teoria da Funcionalidade*, discute a proposta de Vermeer (1984), e destaca que o importante é que o receptor apreenda a mensagem dentro de

sua situação de comunicação. A consciência da situação de comunicação dentro da cultura brasileira por parte dos tradutores de *Happy Endings* pode ser observada pelas escolhas que fizeram na última versão de tradução, as quais são apresentadas no tópico seguinte.

No processo tradutório do texto em questão para a língua portuguesa, os tradutores também tiveram como regra de ouro seguir uma abordagem sistêmica, focalizando a relação entre os sistemas socioculturais que constituem o polo emissor e o receptor, enfatizando mais a importância do segundo.

Segundo Itamar Even-Zohar (2000), cuja perspectiva sistêmica encontra-se dentro de uma linha descritiva, a tradução é uma atividade que depende das relações dentro de sistemas culturais. Sua Teoria de Polissistemas (1979) considera estes sistemas culturais como heterogêneos, dados os seus diferentes contextos políticos, sociais e econômicos, e dinâmicos. O autor (2000) concebe a literatura traduzida como um sistema ativo dentro do polissistema literário, uma parte integral das forças inovadoras que movimentam um polissistema e impedem que este se torne fossilizado, ou seja, a tradução permite o surgimento de novos elementos dentro de sistemas culturais, seja através de formação de palavras ou expressões, ou através da absorção de práticas de sistemas externos. A literatura traduzida provoca mudanças.

De acordo com Even-Zohar (2000), a tradução, como momento de interação, permite o enriquecimento tanto da cultura de chegada (assimilação) quanto da cultura de partida (inovação). É papel do tradutor recriar uma obra em outro sistema. Assim, os tradutores em questão adotaram o posicionamento deste autor (2000) quanto à tradução de *Happy Endings* ao priorizar o estabelecimento de parâmetros que viabilizassem uma produção mais voltada para a oralidade dentro do sistema cultural brasileiro, facilitando, assim, a absorção do texto fonte na cultura de chegada - tanto na forma escrita, quanto no formato de audiolivro - e promovendo a compreensão e assimilação deste texto em um novo sistema. Os tradutores alcançaram um delicado equilíbrio entre a aplicação desses parâmetros e a aproximação ao texto de partida.

6. A TRADUÇÃO E O AUDIOLIVRO *FINAIS FELIZES*

O conto *Happy Endings* ganhou a tradução *Finais Felizes* pelo Projeto PRO.SOM da UFBA em 2011. A tradução para a língua portuguesa conta com seis

versões, sendo a última delas o roteiro para a gravação em audiolivro. O conto foi traduzido pela aluna de Pesquisa PIBIC do Departamento De Letras Germânicas da UFBA, Rafaela Gomes, responsável pelo primeiro jato de tradução; em seguida, foi revisado pela coordenadora do grupo, Sílvia Maria Guerra Anastácio, bem como pelas demais pesquisadoras Raquel Borges e Luana Solidade; finalmente, pela nativa em língua inglesa, Susie Santos, com quem foram discutidos algumas questões culturais implícitas no texto.

Para trabalhar com versões do texto traduzido de *Happy Endings*, o Projeto PRO.SOM utilizou a metodologia dos estudos de processo da Crítica Genética. Os operadores genéticos deram suporte para que o grupo pudesse trabalhar com diversas versões de tradução de forma compreensiva e facilitou o diálogo entre os membros do Projeto durante toda a tradução e adaptação para o audiolivro.

O Projeto utilizou alguns códigos convencionados. Os mais utilizados durante a tradução foram: [] para eliminação de palavras ou frases; < > para acréscimo de palavras ou frases; { } para comentários dos pesquisadores, entremeando as citações; / para adicionar opções de tradução para determinadas palavras ou expressões. (ANASTÁCIO, 1999).

A título de comparação, podemos observar o texto fonte, na terceira versão da tradução de *Happy Endings* com códigos e a sua última versão com as escolhas de tradução:

John tells Mary how important she is to him, but of course he can't leave his wife because a commitment is a commitment. He goes on about this more than is necessary and Mary finds it boring, but older men can keep it up longer so on the whole she has a fairly good time. (ATWOOD, 1983, p. 67)

Terceira versão com códigos:

John fala para Mary <o> quanto <ela é> importante [ela é] pra/ para ele, mas claro, ele não pode deixar sua esposa/mulher porque um compromisso é um compromisso/ compromisso é compromisso/ palavra dada não volta atrás. Ele continua com isso/ Ele continua falando sobre isso mais do que <o> necessário e Mary se vê entediada/ e Mary acha isso chato/ e Mary fica chateada, mas homens mais velhos conseguem continuar assim por um bom tempo<, mas, no geral, ela passou com ele um tempo razoavelmente agradável>. (ATWOOD, 1983, p. 67)

Última versão com as escolhas de tradução:

John diz a Mary que ela é importante para ele, mas claro que não pode deixar sua mulher porque compromisso é compromisso. Ele fica repetindo isso mais do que deve e Mary acha chato, mas os homens mais velhos podem ficar repetindo as coisas por um bom tempo, mas, de um modo geral, ela até se distrai. (ATWOOD, 1983, p. 67)

Como se pode observar, através de uma comparação entre as versões, o Projeto procurou uma aproximação com a oralidade da cultura de chegada, construindo um texto de compreensão rápida. Esta postura do grupo, porém, não implica em um completo distanciamento do texto fonte, mas sim na busca de um ponto de equilíbrio que servisse à função proposta. A escolha final de opções como “Mary acha isso chato” e “mas, de um modo geral, ela até se distrai” indicam de forma clara esse ponto de equilíbrio.

A versão do audiolivro *Finais Felizes* foi realizada em parceria com a Escola de Teatro da UFBA. Esta versão recebeu uma narração interpretada por Gideão Rosa⁷ e a adição de efeitos sonoros; foi gravada no estúdio de Luciano Bahia⁸ e possui a duração de 11min22s. A pesquisadora Rafaela Gomes, responsável pelo primeiro jato da tradução *Finais Felizes*, acompanhou toda a gravação e a edição no estúdio. O audiolivro encontra-se em processo de finalização, com alguns trechos sendo revistos e regravados.

Buscando atender às necessidades do portador de deficiência visual, as traduções executadas pelo Projeto são também convertidas para o programa MECDAISY. Este software permite que textos escritos sejam transformados em áudio, o que possibilita aos deficientes visuais o acesso a obras indisponíveis em braile.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto PRO.SOM busca em uma iniciativa pioneira ir além das fronteiras interlinguais, e adentrar os escopos da tradução intersemiótica e cultural. O Projeto unifica de forma competente língua, cultura e tecnologia.

As abordagens funcionalista e sistêmica adotadas na tradução deste conto de Atwood forneceram parâmetros de trabalho para o grupo, que exerceu a função de agente transformador do texto para outro sistema cultural, direcionando inclusive sua ação para um aspecto de forte integração na realidade cultural brasileira: a oralidade.

Mais do que traduzir o conto *Happy Endings* da língua inglesa para a língua portuguesa, e produzir um audiolivro a partir desta tradução, o PRO.SOM possibilitou, também que um público mais vasto tivesse acesso a uma obra bastante renomada da autora contemporânea canadense Margaret Atwood.

¹ Graduanda em Língua Estrangeira Moderna – Licenciatura em Inglês e pesquisadora voluntária de iniciação científica da Universidade Federal da Bahia. E-mail: larissaloureiro@ymail.com

² Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM), Universidade Federal da Bahia. Projeto em andamento, coordenado pela Prof. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio.

³ O Programa MECDAISY foi lançado pelo Ministério de Educação e desenvolvido por meio de parceria com o Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro - NCE/UFRJ.

⁴ "If you want a happy ending, try A." (ATWOOD, 1983, p.63).

⁵ "(...) the endings are the same (...)." (ATWOOD, 1983, p.69).

⁶ "Advice for the innocent pilgrim, worthy enough, no doubt, but no doubt useless: dangers multiply by the hour, you never step into the same river twice, the vast empty spaces of the blank page appall, and everyone walks into the maze blindfolded." (ATWOOD, 2002, p.18).

⁷ Membro da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

⁸ Membro da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

Referências

ALVES, Fabio; SCHEIBLE, Ingeborg (1996). *A Teoria da Funcionalidade*. In: Else Ribeiro Pires Vieira (Org.). *Teorizando e Contextualizando a Tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, p. 173-183.

ALVES, Susana (2011). *Obra aberta*. In: CEIA, Carlos (Org.). *E-Dicionário de Termos literários*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/O/obra_aberta.htm>. Acesso em: 18 de out. 2011.

ANASTÁCIO, Sílvia (1999). *O Jogo das Imagens no Universo da Criação de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Annablume, p.31.

ATWOOD, Margaret (1983). *Murder in the Dark: Short Fictions and Prose Poems*, Coach House Press, Toronto, Ontario, Canada.

ATWOOD, Margaret (2002). *Negotiating with the dead: A writer on writing*. United States of America, Cambridge University Press (New York, NY).

ATWOOD, Margaret (2011). *Awards and Recognitions*. Disponível em: <<http://www.margaretatwood.ca/awards.php>>. Acesso em: 18 de out. 2011.

ATWOOD, Margaret (2011). *Biography*. Disponível em: <<http://www.margaretatwood.ca/bio.php>>. Acesso em: 15 de out. 2011.

EVEN-ZOHAR, Itamar (2000). *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem*. In: VENUTI, Laurence. *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge.

MENDES, Maria Francisca (2007). *Bakhtin: conceitos-chave*. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, Apr. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de out. 2011.

PROJETO MECDAISY (2011). Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/>>. Acesso em: 16 de out. 2011.

VERMEER, Hans J (2000). *Skopos and Commission in Translational Action*. In: *The Translation Studies Reader*. London and New York, Routledge.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o processo de tradução para o português e da gravação em audiolivro do conto *Happy Endings*, "Finais Felizes", texto do livro *Murder in the Dark* (1983), de autoria da escritora canadense Margaret Atwood (1939 -...). A temática do processo de criação da escritora é, mais uma vez, abordada, através de um texto em que Margaret Atwood convida o leitor a ser um coautor de sua história. O seu estilo lúdico é aqui reiterado, através de um conto em que a autora sugere possíveis finais para que o receptor do texto possa escolher aquele que mais lhe agradar. Os

tradutores dessa história instigante, *Happy Endings*, buscaram um registro que privilegiasse a oralidade, tendo em vista o tipo de mídia para a qual o conto seria adaptado e, para tanto, a Teoria da Funcionalidade de Vermeer (1985) norteou esses estudos tradutórios, que se preocuparam em refletir sobre a função que o novo texto ocuparia na cultura de chegada. Foi intenção, portanto, do presente trabalho, ressaltar a relevância do audiolivro, uma mídia capaz de dar aos que apreciam literatura, no Brasil, o acesso a um texto de uma autora contemporânea canadense, além de privilegiar os portadores de deficiência visual, que poderão conhecer um dos mais interessantes trabalhos de Margaret Atwood. O objetivo fundamental desta comunicação foi apresentar como um processo de tradução pode ir muito além das fronteiras das questões interlinguais, invadindo o escopo da tradução intersemiótica e também cultural. Finalmente, buscou-se comentar as transformações sofridas desde o texto de partida até a sua passagem para o português, a língua-alvo, e, em seguida, para uma mídia oral. Considerando que se trata de uma pesquisa pioneira ao propor, como um bônus do audiolivro, uma leitura direcionada para o sujeito portador de uma deficiência visual, em Programa MECDAISY, entende-se que é um trabalho cujos processos de criação merecem ser analisados.

Palavras-chave: Tradução; *Happy Endings*; Margaret Atwood.

